

A COMPREENSÃO DO CONTEXTO HISTÓRICO A PARTIR DOS CONTOS DE FADA NO SÉCULO XXI

Blasius Silvano Debald ¹Adriana Aparecida Anghewiche da Silva²Maiara Rosa de Oliveira³

RESUMO

Os contos de fada fazem parte da formação da criança e de certa forma são o primeiro contato com a literatura. No processo educativo podem ser utilizados como recursos para desenvolver a imaginação e a criatividade. O mundo da fantasia reproduz um contexto histórico produzido por pessoas que se utilizam de tal recurso para perpetuar seus costumes e tradições. Realizamos um estudo bibliográfico no qual comparamos duas histórias infantis – uma clássica e outra contemporânea – para identificar como o conto foi utilizado para reforçar os costumes das pessoas no período em que foi produzido. O estudo indicou que os contos são utilizados pelos professores da Educação Infantil e dos Anos Iniciais, mas desconhecem o contexto histórico em que foram produzidos. Lançando um olhar mais atento, percebemos que os contos de fada tem um lugar e refletem o entendimento de mundo das pessoas que aparecem como irreais, mas que podem ser comparadas com antepassados construtores da História.

Palavras chave: Contos de fada – História – criança – imaginário – fantasia.

Área: História

INTRODUÇÃO

Contar histórias foi uma prática comum utilizada pelos diferentes povos desde os tempos mais remotos da humanidade. Era uma forma de passar às gerações mais novas os costumes, as tradições e crenças, além de manter viva a história dos antepassados. A inexistência do registro fotográfico ou fílmico incentivava a utilização da história como uma narrativa para enaltecer os feitos de homens e mulheres que precederam o grupo ou a comunidade.

Na modernidade e mais especificamente na contemporaneidade, a contação de histórias surge como algo inovador e “inédito” nas práticas de pedagogas, achando que estão inovando ou criando uma metodologia criativa para incentivar

¹ Doutor em Educação e Professor do Curso de História da UNIAMÉRICA. Coordenador do Grupo de Pesquisa de Ensino em História. E-mail: blasius@ietalentos.com.br

² Acadêmica do Curso de Pedagogia – UNIAMÉRICA e Integrante do Grupo de Pesquisa de Ensino em História. E-mail: adri_anghewiche@hotmail.com

³ Acadêmica do Curso de Pedagogia – UNIAMÉRICA e Integrante do Grupo de Pesquisa de Ensino em História. E-mail: maiaraoliveira@yahoo.com.br

a criança no desenvolvimento do gosto pela leitura. A falta de conhecimento histórico faz com que as pedagogas deixem o contexto de lado, focando-se mais na representação e reprodução da história do que produzir a reflexão.

A contação de histórias ou contos de fada, desprovidos de reflexão recorrerá ao processo educativo fadado ao fracasso, uma vez que o foco estará no contador e não na aprendizagem da criança. Utilizando a história nessa perspectiva ela será plateia e não sujeito do processo. Portanto, discutimos no estudo qual é a compreensão que os professores da Educação Infantil e Anos Iniciais têm dos contos de fada e como utilizam tal recurso no planejamento letivo.

O estudo foi realizado a partir de leituras de artigos produzidos a no século XXI. Focamos nosso olhar sobre a visão que professores e alunos têm sobre as histórias e o que se espera com a utilização dos contos de fada no processo educativo.

1. CARACTERIZAÇÃO DO CONTO DE FADA

Os contos de fada, conhecidos no século XXI, não eram dirigidos às crianças as quais nem tinham acesso, pois retratavam temáticas da população adulta – adultério, morte, escravidão, abuso entre outros. As histórias eram contadas oralmente, de geração em geração, modificando-se ao longo do tempo, transformando o contexto, os personagens, uma adaptação para uma realidade específica. Para não perder a riqueza da história, iniciaram-se os registros, rompendo com as alterações e desmitificando o provérbio popular “Conto um conto aumento um ponto.” Segundo Cashdan (2000, p. 20) “originalmente concebidos como entretenimento para adultos, os contos de fadas eram contados em reuniões sociais, nas salas de fiar, nos campos e em outros ambientes onde os adultos se reuniam - não nas creches.” Essas histórias contadas entre adultos muitas vezes não eram invenções mais fatos que ocorriam na época.

Mas com o passar dos anos esses contos foram totalmente reestruturados para serem contados ao público infantil, envolvendo personagens do mau e bem, a magia, o certo e errado, o preguiçoso e o trabalhador, feio e bonito, a madrasta, entre outros. Essa incorporação tem a ver com o período em que aparecem as histórias. A madrasta aparece muito nos contos infantis, pois era comum na Idade Média a mulher morrer ao dar a luz. Assim, a criança crescia sob os cuidados da madrasta – nova esposa contraída em matrimônio.

Em relação aos demais antagonismos – preguiçoso e trabalhador, bonito e feio... – retratava a sociedade medieval, fazendo distinção entre os que trabalhavam – servos, escravos e camponeses, e os que rezavam – clero, além da nobreza feudal, detentora das terras, instrumentos e dos servos. A manutenção dessa diferenciação era manipulada pela Igreja Católica, utilizando os sermões e os sacramentos para demonstrar que não aceitar a

condição divina – exploração era pecado e o castigo seria arder no inferno.

Ao final das histórias sempre havia uma moral, momento em que se narrava a ideologia que se queria passar, moldando comportamentos e posturas das pessoas em sociedade. Bobbio (1997, p. 11) lembra que

ao lado do poder econômico e do poder político, o poder ideológico, que se exerce não sobre os corpos como o poder político, jamais separado do poder militar, não sobre a posse de bens materiais, dos quais se necessita para viver e sobreviver, como o poder econômico, mas sobre as mentes pela produção e transmissão de ideias, de símbolos, de visões de mundo, de ensinamentos práticos, mediante o uso da palavra (BOBBIO, 1997, p. 11).

Portanto, podemos perceber como se perpetuou o poder ideológico na sociedade medieval, subjugando uma população analfabeta e religiosa. E a força de influência que os contos e as histórias tinham sobre o imaginário das pessoas. Para entender como o poder ideológico se perpetuava na sociedade através das histórias, Bobbio (1997, p. 73/74) afirmou que

os ideólogos são aqueles que elaboram os princípios com base nos quais uma ação é justificada e, portanto, aceita – em sentido forte, a ação é “legitimada” –, pelo fato de estar conforme os valores acolhidos como guia da ação; os expertos são aqueles que, indicando os conhecimentos mais adequados para o alcance de um determinado fim, fazem com que a ação que a ele se conforma possa ser chamada de racional segundo o objetivo [...] quem, levando em conta todas as informações que os expertos podem oferecer, escolhe esse meio e não um outro realiza uma ação racional com respeito ao objetivo.

Apesar de o mundo mágico distanciar-se da realidade, acaba mostrando que muitas vezes os fatos tratados nessas histórias podem ocorrer na vida real, porém em um contexto bem diferente. Contudo, a criança, aos poucos, acaba interiorizando esses acontecimentos, fazendo comparações com a própria vida, entrando também no mundo imaginário e sonhador que tudo é lindo e maravilhoso.

Um pouco de fantasia pode ser saudável para o desenvolvimento da criança, desde que não interfina no seu amadurecimento pessoal. Segundo Duarte (1989, p. 45) “na luta pelo crescimento, a criança deve paulatinamente ir deixando o “princípio do prazer”, deve ir aprendendo a considerar realidade e a postergar a satisfação imediata dos impulsos instintivos.” Machado

(2002, p. 2) complementa:

na medida em que a criança é satisfeita e passa por momentos de frustração ela necessita aprender a controlar a agressividade e a raiva que sente. A partir do momento em que alguns desejos não são satisfeitos o indivíduo começa a fantasiar e a desejar. A isso chamamos de princípio do prazer. Mas essas fantasias revelam-se através dos sonhos, dos jogos, da música e da arte... bem como através dos contos de fadas que convivem com as crianças.

Os contos de fada ou histórias infantis, ao longo de vários séculos tiveram influência sobre a vida das crianças, mas também foram utilizados para submeter às sociedades menos letradas. Portanto, a leitura dos contos de fada ou histórias infantis não deve ser realizada de forma ingênua, pois há um conteúdo oculto que o leitor menos crítico não consegue perceber. Fazer a contação de histórias só como forma de representação, mas sem contextualizar é fortalecer a ideia de alienação.

2. CONTEXTO DAS HISTÓRIAS INFANTIS

As histórias infantis estão inseridas em um contexto amplo, propiciando a aquisição do conhecimento através da linguagem visual, oral e escrita. A criança desde cedo, vivencia o contexto da sua própria história, observando e adquirindo hábitos e valores culturais. Sua participação social é trabalhada pela família e mais tarde, pela escola. Para Boff (2001, p. 47)

o ser humano é um ser de participação, um ator social, um sujeito histórico e coletivo de construção de relações sociais o mais igualitárias, justas, livres e fraternas possíveis dentro de determinadas condições histórico-sociais.

A vivência social da criança é fundamental para o seu desenvolvimento. As histórias infantis e os contos de fada, principalmente os clássicos, esquecem essa riqueza de detalhes, tratando a criança como uma miniatura de adulto. Rodrigues (2009, p. 10) traz uma importante contribuição ao afirmar que

na Idade Média não existia um sentimento de infância que distinguisse a criança do adulto, sendo a criança considerada um adulto de pequeno tamanho executando também as mesmas atividades dos mais velhos. A infância, nessa época, era vista como um estado de transição para a vida adulta. Não se dispensava um tratamento especial

para as crianças, o que tornava sua sobrevivência difícil. Para a sociedade medieval, o importante era a criança crescer rapidamente para poder participar do trabalho e de outras atividades do mundo adulto.

Aqui reside a dificuldade de compreender o contexto das histórias infantis mais antigas, pois a forma como apresentam a criança está mais para uma representação idealizada do que de carne e osso. É, portanto, o papel do professor mediar essa visão, fazendo uma leitura crítica e aprofundada do conto que integrará o currículo escolar. A riqueza do trabalho está na criança ter contato com as histórias e contos de fada, mediados pela ação pedagógica docente.

A criança trabalhando com diversos textos, envolvendo se possível o que a rodeia para que a mesma faça comparações com a vida real, relacionado com o cotidiano, assuntos mais próximos que vivencia ou possa vivenciar, para que esse momento de contação não fique abstrato. Para a história narrada, requer-se um desmembramento, atribuindo-lhe importância e dialogando com o público alvo. Para Bettelheim (1996, p. 20)

enquanto diverte a criança, o conto de fadas a esclarece sobre si mesma, e favorece o desenvolvimento de sua personalidade. Oferece significado em tantos níveis diferentes, e enriquece a existência da criança de tantos modos que nenhum livro pode fazer justiça à multidão e diversidade de contribuições que esses contos dão à vida da criança.

As histórias infantis são utilizadas por diversos professores para chamar a atenção da criança. Porém, esse recurso é utilizado somente para reproduzir o que estava escrito no livro, para desenvolver alguma característica moral na personalidade dos alunos. Não há uma reflexão a respeito do contexto da história que está sendo narrada, pois o que vale nesse ato é a formação de alguma atitude e não o senso crítico.

O conto, em muitas escolas, é utilizado somente como instrumento pedagógico no intuito de ser útil para alguma disciplina. O imaginário e a reflexão são deixados de lado, pois é preciso atender as demandas curriculares – leia-se rol de conteúdos que devem ser ensinados de forma estanque e sem ligação. De acordo com Bettelheim (1980, p. 13)

transformados em tarefas escolares, os contos de fadas perdem sua função lúdica e estética e impedem que as emoções sejam vivenciadas. Ao mesmo tempo, acredita-se que os impulsos mais primitivos possam ser aprisionados.

É necessário que o contador de histórias esteja preparado para tal atividade, que deixe a criança caminhar, assuma a posição na qual se sinta melhor e a mediação se torne algo natural. O professor não deve impor ao aluno interpretações segundo o seu ponto de vista, mas fazer a criança pensar, questionar, refletir sobre os personagens, os lugares, relacionando com o contexto em que se encontra. De acordo com Patrini (2005, p. 48)

o conto, uma das experiências estéticas das mais democráticas, pode favorecer uma desalienação em relação aos bens simbólicos. A reabilitação do fantástico recupera a referência não mediada das experiências pessoais, mas sim a relação íntima, ativa e participante entre contador e ouvinte, pois o conto valoriza a palavra humana e traz também o calor de uma presença, uma verdadeira necessidade que os homens têm e que não encontram da mesma forma em outros meios de comunicação.

É sempre salutar lembrar que os contextos históricos e sociais, ao longo da humanidade, priorizaram os adultos homens. As mulheres, as crianças, os estrangeiros e os escravos eram excluídos da vivência social. Faria (1997, p. 9) ressalta que “a criança será percebida pela sociedade de forma diversificada ao longo dos tempos, conforme as determinações das relações de produção vigentes em cada época.”

3. A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS E O DESENVOLVIMENTO CRÍTICO NA CRIANÇA

A contação de história é utilizada nas instituições de ensino como uma ferramenta de auxílio para que as crianças se interessem mais pela leitura, incentivando o desenvolvimento da criatividade e da imaginação. Essa construção ocorre através de imagens, e representações do contexto, além de contribuir para a aprendizagem crítica e social, pois essa prática abre um caminho para a criança, no qual relaciona o que está sendo contado, com o que sabe e o que é mais significativo para sua vida, formando valores e conceitos próprios. Para Abramovich (2003, p. 16),

é importante para a formação de qualquer criança ouvir muitas, muitas histórias... Escutá-las é o início da aprendizagem para ser um leitor, e ser leitor é ter um caminho absolutamente infinito de descoberta e de compreensão do mundo.

Ler envolve um processo de prazer no qual o indivíduo constrói vários significados permitindo uma compreensão do que está escrito nos textos. Ouvir histórias se torna mais prazeroso

ainda, pois desperta na criança um imaginário além do mundo real, deixando-a desejada por um mundo encantado construindo e formando seu próprio ponto de vista em relação a história sem contar que a mesma acaba interagindo e muitas vezes acrescentando algo a mais no que esta sendo contado. A criança também aprimora sua capacidade pelo pensar, inventar, escrever e desenhar, mostrando as habilidades que possui através do envolvimento com a literatura. Segundo Cademartori (1994, p. 23), afirma dizendo

... a literatura infantil se configura não só como instrumento de formação conceitual, mas também de emancipação da manipulação da sociedade. Se a dependência infantil e a ausência de um padrão inato de comportamento são questões que se interpenetram, configurando a posição da criança na relação com o adulto, a literatura surge como um meio de superação da dependência e da carência por possibilitar a reformulação de conceitos e a autonomia do pensamento.

O contato constante da criança com a literatura poderá ser significativo para que tenhamos um leitor adulto. Despertar o gosto pela leitura, através da curiosidade, da imaginação que podem ser encontrados nos livros infantis poderá representar um excelente recurso didático, desde que mediado e contextualizado pelo professor. Não podemos simplesmente reproduzir a história ou o conto para que a criança o memorize e o reconte. Essa abordagem didática é um tanto ultrapassada. A história deverá despertar novos sentimentos e entendimentos por parte da criança.

O primeiro contato da criança com um texto normalmente é realizado, oralmente. É a voz da mãe ou do pai, contando contos de fada, trechos da Bíblia, histórias inventadas tendo a gente como personagem, narrativas de quando eles eram crianças [...] (ABRAMOVICH, 2003). O gesto demonstra como os pais poderão influenciar a criança em temas de leitura.

Contudo, o que se verifica em meados da segunda década do século XXI, são crianças com aparelhos celulares e outros eletrônicos, conectados e ocupando seu tempo com assuntos superficiais. São a geração do rápido, superficial e de pouco esforço. Pensamos que os meios midiáticos deveriam ser mais bem utilizados pelas crianças, mas para isso precisam receber orientação. Para Coelho (2004, p. 12)

história é importante alimento para imaginação. Permite a autoidentificação, favorecendo a aceitação de situações desagradáveis, ajuda a resolver conflitos, acenando com esperança. Agrada a todos, de modo geral, sem distinção de idade, de classe social, de circunstâncias de vida.

A receptividade das histórias infantis ou os contos de fadas pode ser explicado pela magia que envolve: animais e plantas falam, pessoas têm poderes sobre humanos e tantas outras situações que fogem ao controle dos pobres mortais. A fantasia e o poder criativo movem as pessoas a serem receptivas a atividades que envolvam contar histórias.

Para compreender melhor o porquê do interesse por histórias vamos lembrar dois fatos do século passado. Quando o rádio chegou ao Brasil era comum que as pessoas se reunissem para escutar noticiários, jogos, novelas e demais atrações. O mesmo ocorreu com a televisão, quando seu acesso ainda era restrito. Ouvir rádio ou assistir televisão eram programas "culturais" muito apreciados na década de 60 e 70 do século passado.

Com isso queremos afirmar que o novo, o atrativo sempre chama mais atenção. Foi o que aconteceu com as histórias e contos infantis. Quando eram novidade chamavam a atenção. Agora, sob a concorrência das mídias quase caíram para o esquecimento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Percebemos que a contação de história é uma prática que existe há muito tempo, e que por muitos anos permaneceu como um veículo de transmissão de conhecimentos, passando de geração em geração, revivendo os feitos dos antepassados.

Com o passar do tempo essas histórias que eram contadas de boca em boca foram escritas em livros, garantindo a popularização dos feitos heroicos que antes somente poderia se ter acesso através da oralidade. A utilização de histórias no processo ensino e aprendizagem desenvolve no aluno o senso crítico. Porém, alguns professores se utilizam desse instrumento de forma equivocada, deixando de lado sua totalidade para focar somente no ato pedagógico.

Devemos lembrar que as histórias são contadas e fazem parte da existência humana. Não tem como não encontrar histórias no meio das sociedades, independentemente de sua condição social. Todos temos histórias para contar, pois somos personagens vivos de nossa própria história.

REFERÊNCIAS

- ABRAMOVICH, Fanny. Literatura infantil: gostosuras e bobices. São Paulo: Scipione, 2003.
- BETTELHEIM, Bruno. A psicanálise dos contos de fadas. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.
- BETTELHEIM, Bruno. A psicanálise dos contos de fadas. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.
- BOBBIO, N. Os intelectuais e o poder: dúvidas e opções dos homens de cultura na sociedade contemporânea. Tradução de Marco Aurélio

Nogueira. São Paulo, Editora da UNESP, 1997.

BOFF, Leonardo. A águia e a galinha: uma metáfora da condição humana. 37 ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

CADEMARTORI, L. O que é literatura infantil? São Paulo: Brasiliense, 1994.

CASHDAN, Sheldon. Os sete pecados capitais nos contos de fadas: como os contos de fadas influenciam nossas vidas. Rio de Janeiro: Campus, 2000.

COELHO, Betty. Contar histórias: uma arte sem idade. 10. ed. São Paulo: Ática, 2004.

DUARTE, I. Infância. In: Duarte et al. A prática da psicoterapia infantil. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.

FARIA, Sonimar C. de. História e política da educação infantil. In: FAZOLLO, Eliane, CARVALHO, Maria C. M. P. de, LEITE, Maria Isabel; KRAMER, Sônia. Educação Infantil em curso. Rio de Janeiro: Ravel, 1997.

MACHADO, Sonia Porto. Sobre fantasia e os contos de fadas. Novo Hamburgo-RS: Fundação Liberato, 2002. Disponível em: <http://www.liberato.com.br/upload/arquivos/0131010716060516.pdf>. Acesso em: 20 dez. 2013.

PATRINI, Maria de Lourdes. A renovação do conto: Emergência de uma prática oral. São Paulo: Cortez, 2005.

RODRIGUES, Luzia Maria. A criança e o brincar. [Monografia]. Rio de Janeiro: UFRJ, 2009.

CENTROS DE EDUCAÇÃO INFANTIL EM FOZ DO IGUAÇU E A INCIDÊNCIA DE PROBLEMAS RESPIRATÓRIOS

Ligia Carla Hartmann ¹
Maurícia Cristina de Lima ²

RESUMO

No Brasil as infecções respiratórias encontram-se entre as principais causas de morbidade e mortalidade infantil. A Organização Pan-americana de Saúde (OPAS) preconiza as atividades educativas em saúde como uma das frentes para o controle das complicações respiratórias na infância. O presente estudo de caráter observacional transversal tem por objetivo analisar a ocorrência de complicações respiratórias em crianças de 0 a 3 anos de idade, em três Centros de Educação Infantil do Município de Foz do Iguaçu. Foram avaliadas 174 crianças que permaneciam nos Centros de Educação Infantil em média 8 horas por dia, destas 50 % apresentaram complicações respiratórias 1 vez por semana, sendo os principais sintomas relatados : coriza em 50% dos casos ("nariz escorrendo"), a tosse produtiva em 35% ("tosse carregada") ,e o broncoespasmo em 45% dos avaliados ("chiado no peito"), chamando a atenção para 39 % destas crianças que são alimentadas deitadas por meio de mamadeira. Concluiu-se que as crianças adoecem por inúmeros motivos e que a incidência e reincidência das complicações respiratórias é elevada nos Centros de Educação Infantil avaliadas neste estudo, sendo este assunto de extrema importância não apenas para os profissionais da saúde mas também para os educadores e profissionais que cuidam destas crianças, portanto o incentivo de medidas preventivas aos cuidadores e famílias é uma maneira de promovermos a saúde destas crianças.

Palavras-chave: Centro Educacional Infantil, Crianças e doenças respiratórias.

Área: Saúde

INTRODUÇÃO

Segundo Green e Haggerty (1992) as infecções do trato respiratório continuam a ser as doenças infecciosas mais frequentes na infância. Os vírus são os agentes etiológicos mais comuns, sendo a criança mais vulnerável devido a sua anatomia e fisiologia do sistema respiratório e também a fisiopatologia das infecções virais

¹ Egressa do Curso de Fisioterapia da Faculdade União das Américas - UNIAMÉRICA Foz do Iguaçu, Paraná.

² Docente e Coordenadora do Curso de Fisioterapia da Faculdade União das Américas - UNIAMÉRICA, Foz do Iguaçu, Paraná.